

Vitorioso, Sarney vai à ONU anunciar 'détente'

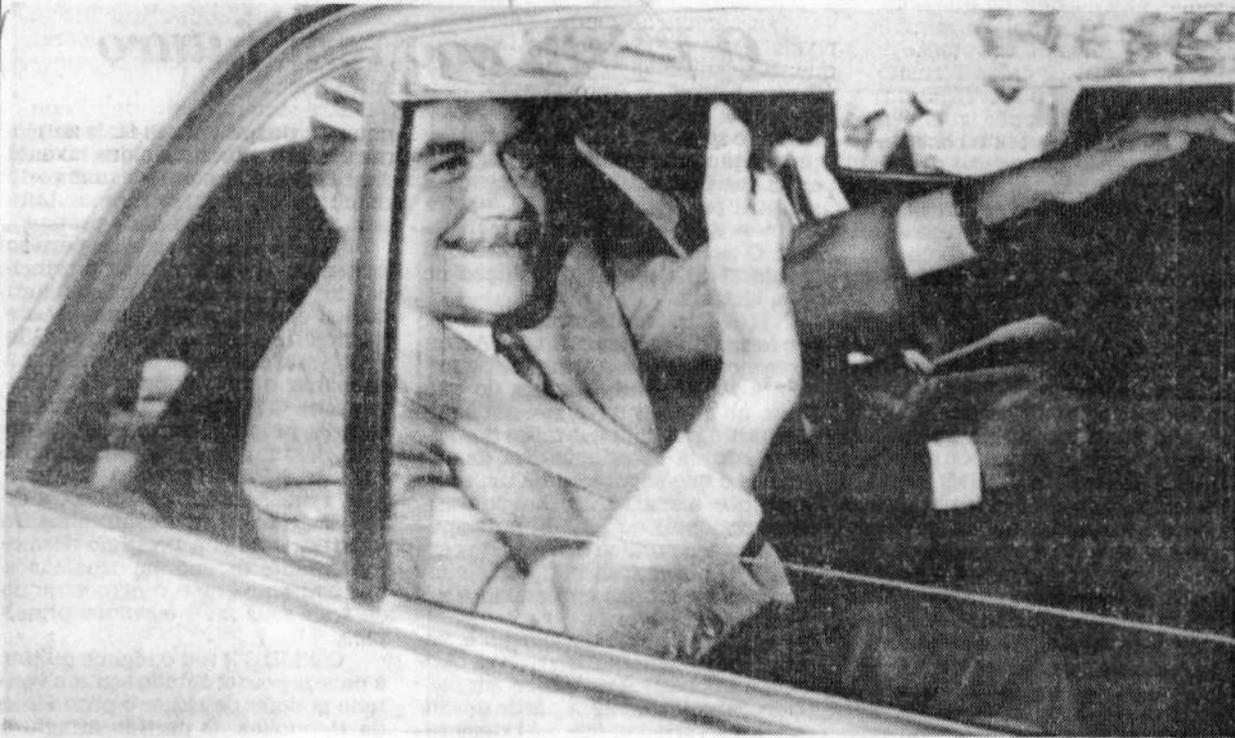
BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A *détente* nuclear entre Brasil e Argentina é a bomba que o presidente José Sarney fará explodir no plenário da ONU, na terça-feira, durante seu discurso oficial na III Sessão Especial da Assembléia Geral das Nações Unidas, dedicada ao desarmamento — Sarney viaja hoje às 12h30 e volta dia 9. Muito antes do acordo de cúpula das superpotências para o controle mútuo de seus

arsenais atômicos, Sarney e seu colega Raúl Alfonsín desarmavam décadas de histórica desconfiança visitando de braços dados, em meio a sorrisos e câmaras de televisão, as instalações mais sensíveis do programa nuclear brasileiro (em Iperó) e argentino (em Atucha).

Só isso poderia justificar a estranha participação de um país do Terceiro Mundo, a nação mais endividada do planeta e cenário de uma das piores distribuições de renda do hemisfério, num evento apropriado

para as grandes potências industriais. Mas o Brasil não é exceção, tanto que, em Nova York, Sarney vai encontrar presidentes de países do porte do Paraguai, Chipre e Afeganistão. Mas, afinal, tudo é festa para o presidente que conseguiu desarmar o foco mais explosivo de seu governo: a definição do mandato de cinco anos, detonada nesta quinta-feira pela belicosa Assembléia Nacional Constituinte. Agora, na política e na economia, Sarney vai viver momentos de guerra e paz.



Protásio Nêne - 3.6.88

Sarney embarca tranqüilo pela garantia dos cinco anos e com uma bomba na bagagem

Esquerdas prometem fogo cerrado

Entre mortos e feridos, salvou-se o mandato na guerra da Constituinte. Mas o presidente Sarney tem sérios motivos para temer uma dura guerra de desgaste, que se alimenta do próprio sucesso do Planalto. Perdida a batalha, as esquerdas e os desertados do poder prometem uma oposição mais implacável ao governo, somando os dissidentes do PMDB aos rebelados do PFL. A frente comum de oposição junta o ex-chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel, ao ex-futuro chefe do Gabinete Civil, José Richa, dois senadores hoje enfileirados na crítica impiedosa à Presidência. A vitória vai cobrar agora seu preço, que não se resume a concessões de rádio e TV. A ala mais fisiológica da Constituinte, que deu para receber, vai passar os próximos tempos exibindo a fatura do apoio condicional, que tem o tamanho exato do distributivismo político do governo. A explosão do sonho das diretas coloca mais uma

vez em confronto o Brasil e Brasília. Com isso, nas primeiras avaliações dos políticos, o PMDB esfacelado pelo Planalto corre sério risco de derrota em pelo menos 13 grandes capitais, em novembro. A marcha da legenda de resistência do PMDB para a direita dá um tom conservador ao herdeiro do velho MDB, comprometendo a bandeira de luta do governo Sarney: "Tudo pelo social". Antigos aliados de Ulysses Guimarães, como os governadores Waldir Pires (BA), Pedro Simon (RS) e Moreira Franco (RJ), preparam-se para armar uma chapa alternativa para tomar de assalto o controle do PMDB na convenção nacional, em agosto.

O esforço inaudito pela vitória, a todo custo, traz também dificuldades num terreno adverso para o Planalto: o controle do déficit público. Um sinal de que Sarney começa a recuar é a reformulação do Decreto-lei nº 2.423, que reduzia à metade

os benefícios e vantagens dos servidores que têm um outro emprego na iniciativa privada. Com isso, um médico do Inamps, por exemplo, teria de optar entre sua clínica particular e o emprego público. Antes que houvesse a retirada em massa, o governo recuou para amolecer a regulamentação do decreto. A guerra contra o inimigo número um do País, a inflação, vai exigir um combate mais difícil, agravado pela aliança de alguns vilões. Um é o efeito especulativo das mercadorias num país atormentado pela ausência de uma política de abastecimento. Outro é o superávit da balança comercial, que pode inundar o mercado este ano com US\$ 15 bilhões, criando uma pressão muito forte sobre a liquidez. E, terceiro, é o vilão da indexação, que protege a renda contra a queda do poder aquisitivo e ao mesmo tempo impede a baixa da inflação, transformando o Brasil no paraíso da OTN.

Governo reage no segundo turno

A vitória na Constituinte desmobiliza uma boa parte do front de guerra do governo Sarney. O calibre do mandato pôs na parede a oposição parlamentar e livrou o presidente do duplo cerco exercido pela Constituinte e pelo PMDB. As tropas conservadoras, metade delas acampadas sob o estandarte peemedebista, arrasaram as fronteiras partidárias e dividiram o campo de batalha em dois blocos nítidos: um a favor e outro contra Sarney. A maioria governista, atraída e submetida pelo fogo concentrado do Planalto, vai permitir avanços em áreas estratégicas da administração, como a aprovação do congelamento da URP, que continua na geladeira do Congresso. Agora, vai ficar mais difícil prolongar a hibernação dos 16 embaixadores que continuam aguardando a aprovação de seus nomes pelo Senado, até agora um reduto hostil a Sarney. O governo tem munição suficiente, a partir desse momento, para retardar a aprovação das normas que regula-

mentam o acesso dos candidatos ao pleito municipal ao rádio e a TV. Com isso, mantém na ponta da agulha os dissidentes da esquerda que se tentam agrupar no novo partido em tempo ainda de conquistar algumas prefeituras.

O toque de reunir conservador permite ao presidente da República um acesso exclusivo ao botão vermelho que vai implodir baluartes progressistas da nova Constituição, como o tabelamento dos juros em 12%, a correção monetária para os empréstimos aos pequenos empresários e produtores rurais e a licença-paternidade de oito dias. A Blitzkrieg conjunta do Planalto e sua maioria na Constituinte pretende varrer do mapa tudo isso com a revisão do segundo turno. E o presidente Sarney, que começou governando sob o fantasma do PMDB de Ulysses, agora movimenta suas forças para expelir de seu território o PMDB de Mário Covas. Ulysses Guimarães, o antigo "Senhor Diretas", já pediu trégua e se aliou ao

ex-inimigo do PDS. A limpeza na área política fortalece o governo na trincheira econômica, onde devem se travar agora os combates mais árduos e sangrentos.

A força do mandato desfaz as dúvidas da comunidade financeira internacional e enche a cartucheira de Sarney de argumentos sólidos para um acordo mais rápido com os bancos. Carro-chefe da economia nos últimos 40 anos, o governo, falido e desorganizado, tem pelo menos o tempo que queria para se arrumar e começar finalmente a governar. Essa simples demonstração de força, restabelecendo a normalidade de relações com os organismos financeiros internacionais, pode representar a captura para o País, este ano, de US\$ 11 bilhões. Sarney ganhou a batalha, mas quem venceu foi seu ajudante-de-ordens Mafson da Nóbrega, armado agora até os dentes para gastar chumbo contra o déficit público. (Helival Rios e Sílvia Caetano/texto final de Luiz Cláudio Cunha)